



BOLETIM

GEOCORRENTE

ANO 6 • Nº 111 • 05 DE MARÇO DE 2020

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção "Temas Especiais".

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 350 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GEOCORRENTE, em português e inglês, poderão ser encontradas na home page da EGN:

<https://www.marinha.mil.br/egn/boletim_geocorrente>



DIRETOR DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL
CONTRA-ALMIRANTE EDGAR LUIZ SIQUEIRA BARBOSA

**SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS
GRADUAÇÃO DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL**
CONTRA-ALMIRANTE (RM1) MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E

SILVA
CONSELHO EDITORIAL
EDITOR RESPONSÁVEL
CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) LEONARDO FARIA DE MATTOS (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO
CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) FRANCISCO E. ALVES DE ALMEIDA (EGN)

EDITORES ADJUNTOS
1º TENENTE (RM2-T) JANSEN COLI CALIL N. ALMEIDA DE OLIVEIRA (EGN)
JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)
NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (UFRJ)

DESIGN GRÁFICO
MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)

DIAGRAMAÇÃO
RODRIGO ÁBREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)

PEQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

ÁFRICA SUBSAARIANA

FRANCO NAPOLEÃO AGUIAR DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-RIO)
ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)
JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)
VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UFRJ)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)
ANA CLÁUDIA FERREIRA DA SILVA (UFRJ)
CAROLINA CÔRTEZ GÓIS (PUC-RIO)
JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)
VICTOR CABRAL RIBEIRO (UFRJ)
VICTOR EDUARDO KALIL GASPARGILHO FILHO (EGN)

EUROPA

ARIANE DINALLI FRANCISCO (UNIVERSITÄT OSNABRÜCK)
GLAYCE KEROLIN RODRIGUES MAXIMIANO (UFRJ)
MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)
MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)
NATHÁLIA SOARES DE LIMA DO VALE (UERJ)
THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)
ANDRÉ FIGUEIREDO NUNES (ECEME)
DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)
PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)
SHAKILA DE SOUSA AHMAD (UFRJ)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)
THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)
VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)
LOUISE MARIE HUREL SILVA DIAS (LONDON SCHOOL OF ECONOMICS)

AMÉRICA DO SUL

ADRIANA ESCOSTEGUY MEDRONHO (EHES)
BEATRIZ MENDES GARCIA FERREIRA (UFRJ)
CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (UFRJ)
GABRIELA DE ASSUMPTÃO NOGUEIRA (UFRJ)
JOÃO FELIPE DE ALMEIDA FERRAZ (UFRJ)
PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIVERSIDADE DE SANTIAGO)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)
GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)
LAILA NEVES LORENZON (UFRJ)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (UFRJ)
RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)
MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)
PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)
RODRIGO ÁBREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)
VINÍCIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)
LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)
PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)
PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

SUL DA ÁSIA

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)
MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)
REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

ÍNDICE

AMÉRICA DO SUL

De estatismo agudo a liberalismo caótico: os rumos das novas políticas econômicas do governo Maduro 4
Os desafios da OTCA e a questão ambiental como fator geopolítico 5

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

A proposta de orçamento federal do governo Trump 5
A fragmentação como ameaça à hegemonia do Ocidente..... 6

ÁFRICA SUBSAARIANA

A projeção estratégica dos Estados Unidos na África..... 6

EUROPA

União Europeia pretende lançar nova missão marítima para monitorar o embargo de armas à Líbia..... 7
França: as Forças Armadas de 2020 e projeções para 2030..... 8

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Catar: o primeiro Estado árabe do Golfo a operar submarinos?..... 9

RÚSSIA & Ex-URSS

Os desafios da Marinha russa em 2020: novas armas e antigos problemas.... 9
O Brasil como catalisador da paz em Donbass..... 10

LESTE ASIÁTICO

Coronavírus: para além dos impactos econômicos na China 10

SUL DA ÁSIA

Um recomeço para o território afegão 11

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Fim da aliança EUA-Filipinas. Hora de repensar a estratégia para o Mar do Sul da China? 12

ÁRTICO & ANTÁRTICA

A nova estação de pesquisa climática russa: mudanças nas políticas ambientais? 13

Artigos Seleccionados & Notícias de Defesa..... 14

Calendário Geocorrente..... 14

Referências..... 15

Mapa de Riscos..... 16

10 PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS



Alto Risco

Médio Risco

Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 16.

De estatismo agudo a liberalismo caótico: os rumos das novas políticas econômicas do governo Maduro

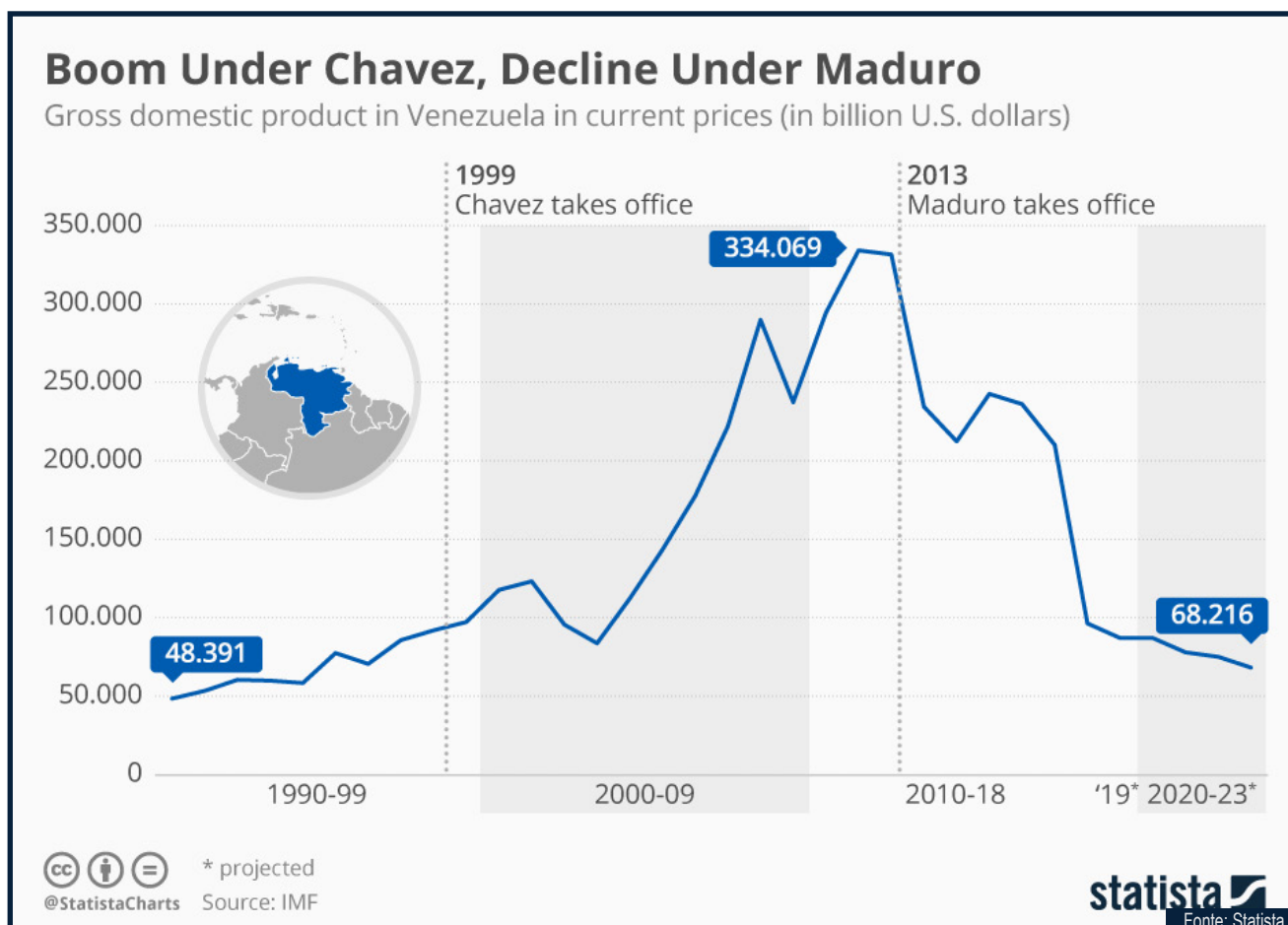
Adriana Escosteguy Medronho

A suspensão das negociações de Barbados (15/09/2019) entre o governo de Nicolás Maduro e a coalizão partidária de oposição (antes liderada por Juan Guaidó) evidenciou o dismantelamento desta, favorecendo o grupo governista ([Boletim 105](#)). Todavia, o recrudescimento das sanções norte-americanas e o colapso econômico do país – cujo Produto Interno Bruto (PIB) retraiu dois terços entre 2013-2019 – compeliram o governo venezuelano a promover uma inesperada política de abertura econômica ao capital privado em 2020.

A redução da burocracia sobre importações e exportações de bens já incentivou 100 empresas venezuelanas a se inscreverem para emitir novos títulos. Mudanças na política fiscal governista consolidaram a dolarização da economia interna (em um cenário onde 40% da população conta com remessas internacionais em dólares somando US\$ 3,5 bilhões em 2019) e lograram diminuir 25% das despesas públicas entre 2018-2019. Ademais, contrariando expectativas, Maduro e deputados governistas pressionam a Assembleia Nacional pela reforma da atual lei de hidrocarbonetos, que proíbe a participação majoritária de empresas privadas em campos mistos de petróleo. Em janeiro de 2020, representantes de Maduro iniciaram conversas sobre a reestruturação de parte da dívida da *Petróleos de Venezuela SA* (PDVSA)

em troca de ativos com a gigante petroleira russa, *Rosneft* (já responsável pela venda de dois terços do petróleo venezuelano), e com as empresas *Repsol SA* (Espanha) e *Eni SpA* (Itália) – contemplando assim uma privatização parcial da PDVSA.

Estas políticas, embora insuficientes para frear o declínio econômico do país, cujo PIB deverá recuar outros 10% este ano, parecem fortalecer o governo, contrariando interesses norte-americanos – que, em resposta, impuseram sanções à *Rosneft* (18/02). Embora a eficácia da pressão econômica norte-americana contra Maduro dê sinais de esgotamento, a liberalização econômica venezuelana *per se* não somente agravará a crise humanitária alicerçada nas desigualdades sociais que assolam o país, como dilapidará o legado social e militar do estatismo chavista ([Boletim 58](#)) – pondo em xeque a legitimidade política de Maduro perante sua base, sobretudo no que tange ao apoio de militares chavistas de alta patente ([Boletim 94](#)). Neste cenário, uma possível retomada em 2020 das negociações de Barbados necessitará contemplar a possibilidade de acordos parciais capazes de mitigar tensões entre oposição e governo, e deverá contar com a presença de militares chavistas e do governo norte-americano.



No último encontro do Fórum Econômico Mundial, em janeiro, foi salientada a urgência da resposta dos países para o aumento da intensidade dos desastres ambientais. Em seu relatório anual, apontaram que a perda de biodiversidade é uma das principais ameaças para a próxima década, relacionando-se com fatores que podem desencadear uma série de desestabilizações no cenário geopolítico.

Nesse sentido, a Amazônia ocupa um papel central para a questão ambiental, uma vez que é detentora de vasta biodiversidade. Assim, qualquer desastre que ocorra nesse espaço poderá ter graves impactos em escala global. Em 2019, as queimadas como consequência do desmatamento que ocorre há décadas na região, a colocaram em destaque. A resposta tardia da Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA) – representada por Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela, evidencia a perda de relevância da organização frente às políticas e soluções apresentadas pelos governos de forma cada vez mais unilateral.

O paradoxo ambiental apresenta, sobretudo aos países amazônicos ([Boletim 62](#)), fundamentalmente duas

visões opostas: de um lado a produção econômica de rentabilidade de curto prazo, como a produção petrolífera e agropecuária para exportação, como exemplo da soja, um dos principais produtos de exportação brasileiro e com relação direta na Guerra Comercial entre EUA e China. Do outro lado, o aumento da consciência da importância do desenvolvimento sustentável, com soluções baseadas nos ciclos naturais como vetor de proteção de reservas naturais. É amplamente reconhecido, neste caso, que apenas um desses modelos de desenvolvimento se sustenta a longo prazo.

Dessa forma, a retomada de uma agenda propositiva da OTCA para a convergência de políticas de proteção e desenvolvimento da Amazônia deve ser prioritária para os países que a compõe. As questões mais urgentes dizem respeito ao fortalecimento legal e institucional, além do investimento em ciência e tecnologia, voltados para conter a degradação da floresta, diminuindo a vulnerabilidade de seu ecossistema. A próxima década será significativa para a compreensão da urgência dos impactos das mudanças climáticas para a estabilidade política e geoeconômica, o que torna inegável a importância da região em apresentar novas estratégias para mitigar estes efeitos.



AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

A proposta de orçamento federal do governo Trump

Jéssica Barreto

Em 10 de fevereiro de 2020, o governo Trump enviou para o Congresso sua proposta de orçamento para o ano fiscal de 2021, no valor de US\$ 4,8 trilhões. Em ano de eleição, tal recorde demonstra as prioridades da Casa Branca, que se mantiveram, em grande parte, estáveis em relação ao orçamento proposto anteriormente ([Boletim 90](#)). Dentre os principais cortes apresentados pelo documento estão os empréstimos estudantis subsidiados

pelo governo (incluindo um corte de quase 8% no orçamento do Departamento de Educação), assistência federal à moradia, centros de controle e prevenção de doenças e programas ambientais. O maior corte individual seria de 37% do Departamento de Comércio.

Se aprovado, o Departamento de Energia também enfrentará um corte de aproximadamente 29% em seu financiamento, exceto em programas relacionados ao >>>

desenvolvimento e manutenção de armas nucleares. Um dos aumentos propostos foi para os programas nucleares — aproximados US\$ 46 bilhões —, tanto dentro do Departamento de Defesa quanto da *National Nuclear Security Administration* (NNSA), uma agência semiautônoma localizada dentro no Departamento de Energia. Esse documento veio a público alguns dias após a confirmação de que uma nova ogiva nuclear de baixo rendimento, desenvolvida durante o governo Trump, havia sido implantada em submarinos nucleares. Esse projeto foi previsto na Revisão da Postura Nuclear, lançada em 2018 (Boletim 67). O orçamento previsto para o Departamento de Defesa seria de US\$ 705,4 bilhões.

Em relação à esquadra estadunidense, Trump chega ao fim do seu primeiro mandato sem conseguir atingir

a meta de 355 navios para a próxima década (Boletim 78). Apesar de sua campanha ter tido um tom agressivo em relação ao aumento maciço da força, seu governo foi permeado por um tom mais moderado quanto sua capacidade, focando na letalidade e prontidão da força já existente. No orçamento proposto, a Marinha teria 305 embarcações. Entretanto, o Congresso não tem concordado com esse movimento mais cauteloso, dando sinais de que planejam grandes mudanças para o setor de construção naval, propondo ano passado 26% a mais do que a Casa Branca planejava em número de navios. O orçamento ainda terá que ser aprovado pelo Congresso, o qual possui maioria democrata, para ser posto em prática.

A fragmentação como ameaça à hegemonia do Ocidente

Ana Carolina Farias

Entre 14 e 16 de fevereiro de 2020, foi realizada a 56ª Conferência de Segurança de Munique (MSC, sigla em inglês). O principal tópico da edição foi *Westlessness*, que descreve a hipótese de um Ocidente em declínio, fragmentado por dentro e que influencia cada vez menos a Ordem Internacional. Um dos principais participantes foi o secretário de Estado norte-americano, Mike Pompeo, que, com uma opinião divergente a de seus vizinhos transatlânticos, afirmou: “o Ocidente está ganhando”. Com seu discurso, Pompeo aspira incentivar a união do Ocidente, salientando a importância da OTAN, principalmente em oposição à potência chinesa.

Recentemente, o principal parceiro europeu do Governo Trump, o primeiro-ministro britânico Boris Johnson, anunciou que permitirá a construção de partes da nova rede de banda larga móvel 5G pela empresa chinesa de telecomunicações *Huawei*. De acordo com os norte-americanos, tal posicionamento é uma ameaça existencial à ordem do mundo ocidental, como foi demonstrado pelo discurso de Pompeo no MSC: “A *Huawei* e outras empresas de tecnologia chinesas apoiadas pelo governo são Cavalos de Tróia para a inteligência chinesa”. Os EUA vêm advertindo que ao deixar a empresa ter acesso às redes que controlam comunicações importantes dariam

ao governo chinês a capacidade não somente de espionar, mas também de sabotar.

Além disso, de acordo com o *Defence Expenditure of NATO Countries* (2013-2019), até 2019, somente 9 países dos 29 membros da organização aumentaram seus gastos em defesa para 2%, referente ao PIB de cada país, acordado em 2014. Enquanto isso, estima-se que os gastos estadunidenses são 3,4% do seu PIB e constitui aproximadamente 70% do total em dólares do orçamento da OTAN. Logo, tal disparidade alvo de críticas desde o início do mandato de Donald Trump, afirmando que os países aliados tiram vantagem dos investimentos estadunidenses. Mesmo que o discurso de Pompeo enfatize a vitória coletiva do Ocidente, na MSC, o presidente francês Emmanuel Macron posicionou-se criticamente aos EUA, afirmando que acredita no enfraquecimento do Ocidente e incentivou o desenvolvimento da soberania europeia em defesa.

Desse modo, tanto a resposta positiva britânica quanto o posicionamento francês demonstram a divergência do ponto de vista entre os Estados Unidos e os países europeus. Situação que dificulta a busca estadunidense de aliados para conter o crescimento da influência chinesa e manter o *status quo* do sistema internacional.

ÁFRICA SUBSAARIANA

A projeção estratégica dos Estados Unidos na África

João Victor Marques

Em 30 de janeiro de 2020, o General Stephen Townsend, líder do Comando dos Estados Unidos para a África (AFRICOM), proferiu o discurso “Uma África estável e segura é um interesse americano duradouro” ao Senado dos Estados Unidos (EUA). O pronunciamento buscou revalorizar a importância estratégica do continente africano à política externa norte-americana, visando

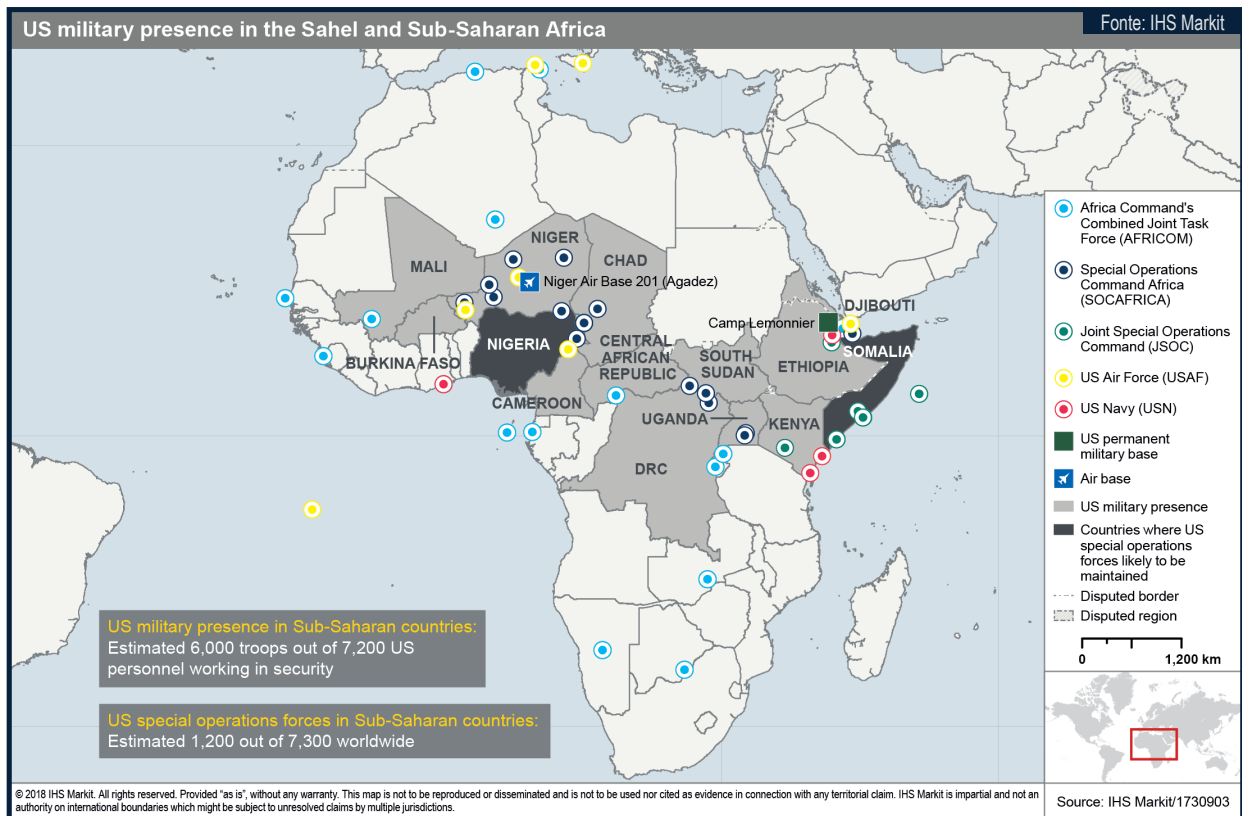
garantir a continuidade do AFRICOM em um contexto de revisão pelo Departamento de Defesa. Alinhada às diretivas do governo Trump em focar nos desafios apresentados por Rússia e China, a revisão em curso poderia implicar em nova redução do efetivo do AFRICOM, tal como ocorreu com suas forças antiterrorismo em 2018. »

Um dos seis comandos dos EUA, o AFRICOM foi concebido em 2007 para avançar interesses nacionais via promoção de estabilidade e segurança na África. Segundo o General Townsend, esta seria essencial à segurança norte-americana, pois o continente está assentado nos cruzamentos comerciais e nas mais importantes linhas de comunicação marítima do mundo (Canal de Moçambique e estreitos de Gibraltar e de Bab el-Mandeb), que facilitam um terço da navegação mundial. Acrescentam-se a isso, a disponibilidade de terras aráveis, as reservas de minerais críticos e as maiores taxas de crescimento populacional e econômico do planeta.

Assim, a inserção estadunidense se materializa, entre outros, na base de *Camp Lemonnier*, no Djibouti; nos esforços contra o grupo al-Shabaab, que em janeiro atacou uma base militar do Quênia, matando três americanos; no fornecimento de inteligência, vigilância e abastecimento às tropas francesas posicionadas no Sahel; e, na proteção

de instalações diplomáticas – quinze delas consideradas pelo Departamento de Estado sob forte ameaça.

Entretanto, a garantia da presença dos EUA na África, incluindo o acesso a recursos e a posição geopolítica, tem se deslocado. Diferentemente da prioridade de combate às organizações consideradas terroristas, que legitimou a criação do AFRICOM no governo Bush, o pronunciamento de Townsend procura justificar as atividades no continente segundo a competição pelo poder global. Trata-se a África como um terreno de disputa com China e Rússia, acusadas de minar a estabilidade e promover o desrespeito aos direitos humanos e ao crescimento inclusivo. O deslocamento de narrativas pode garantir a legitimidade do AFRICOM perante as instituições americanas, porém, o tratamento da África como uma entidade a vislumbrar passivamente abordagens extracontinentais segue inalterado.



EUROPA

União Europeia pretende lançar nova missão marítima para monitorar o embargo de armas à Líbia

Melissa Rossi

No dia 17 de fevereiro de 2020, o Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros (CNE) da União Europeia (UE) aprovou uma nova missão naval no Mediterrâneo Oriental, encarregada de monitorar e bloquear o tráfico de armas ilícitas usadas principalmente para fomentar o conflito civil na Líbia. A missão irá substituir a Operação Sophia, em vigor desde 2015. Contudo, diferentemente desta, o objetivo principal da nova missão não será o de conter o tráfico de seres

humanos, mas, sim, o contrabando de armas ilícitas. De fato, a nova missão visa apoiar o embargo de armas estabelecido pela resolução 1970 (2011) do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), que nunca foi devidamente monitorado. Segundo o Alto Representante da União Europeia para Negócios Estrangeiros e Políticas de Segurança, Josep Borrell, a nova operação terá apoio “aéreo, de satélites e marítimo” e se localizará na parte Oriental da Líbia, a aproximadamente 100 milhas da

costa.

O país norte africano sofre de instabilidade social desde 2011, após a intervenção das forças da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), que provocaram a queda do ditador líbio, Muammar Gaddafi. Todavia, o conflito civil atual tem se agravado desde abril de 2019, quando as forças leais ao General Khalifa Haftar, apoiados por Emirados Árabes, Rússia, Egito e França, decidiram tentar dominar o país, atacando a capital Trípoli, onde fica o governo oficial do primeiro-ministro Fayez al-Sarraj, apoiado pela Organização das Nações Unidas (ONU), Itália e Turquia. O tráfico internacional de armas para a Líbia tem sido incessante devido à falta de fiscalização do embargo da ONU, o que tem ajudado a fomentar o conflito, que começa a desenvolver características de uma guerra por procuração.

Além da instabilidade social e política às portas da UE, visto que a Líbia se encontra do lado oposto do Mediterrâneo, a poucas centenas de milhas náuticas da Itália e Grécia, existe também a questão econômica ligada às vastas reservas de hidrocarbonetos em seu território. É estimado que, apesar do conflito, o gás líbio exportado para a Itália, por meio do gasoduto *Greenstream*, ajude a suprir 8% da demanda italiana.



França: as Forças Armadas de 2020 e projeções para 2030

Thaïs Dedeo

De acordo com a Lei de Programação Militar 2019-2025 (LPM), o orçamento das Forças Armadas da França em 2020 será de € 37,5 bilhões (ou 1,86% do PIB), excluindo a pensão dos militares, sendo o segundo ano consecutivo em alta. A LPM visa o aumento do orçamento de defesa para 2% em 2025 e leva em consideração a necessidade de construir um novo porta-aviões, renovar as capacidades dos satélites, investir em segurança cibernética, desenvolver um novo sistema de combate aéreo e modernizar o arsenal nuclear francês.

A LPM deve promover uma forte renovação dos meios da *Marine Nationale* até 2030. Em 2020 serão entregues à Marinha francesa um submarino da classe *Suffren* ([Boletim 101](#)), uma fragata multitarefas da classe *Aquitaine* e um navio multimissão de capacidade anfíbia. Em janeiro deste ano, mais um navio patrulha *Guyanais* foi entregue à base naval da Martinica para atuar contra a pesca irregular e o tráfico de drogas. Ademais, a LPM endossa o Plano Estratégico Mercator, elaborado pela Marinha para acelerar a renovação da esquadra, superar as deficiências de capacidade e estabelecer o uso de tecnologias de ponta. Até o ano de 2025, a Marinha renovará 11 dos 19 navios-patrulha,

terá dois terços da esquadra planejada de submarinos nucleares de ataque (SNA) da classe *Barracuda*, metade da esquadra dos navios-logísticos FLOTLOGs e terá 42 caças *Rafale*. Ademais, o plano prevê 1.200 drones para 2030, considerando que cada navio deverá possuir pelo menos um drone para aumentar o alcance de vigilância e detectar minas submarinas.

Com o Brexit, a França se torna no único poder nuclear e membro do Conselho de Segurança da ONU dentro da União Europeia, logo, busca manter seu *status* de potência militar e nuclear, o que exige altos investimentos. Porém, vale ressaltar que, apesar do aumento crescente deste orçamento, nos últimos quinze anos o orçamento das Forças Armadas era decrescente e, em paralelo, seu engajamento em operações exteriores era crescente. Até então, sua maior força de dissuasão e de intervenção, a *Marine Nationale*, vinha se deteriorando em termos de equipamentos, navios e infraestrutura de suas bases navais. Apesar dos altos investimentos, tem operado acima de suas capacidades, atuando em cinco zonas marítimas, em diversas operações no exterior, além de proteger a segunda maior Zona Econômica Exclusiva do mundo.

Catar: o primeiro Estado árabe do Golfo a operar submarinos?

André Nunes

No dia 24 de janeiro de 2020, o emirado do Catar e a *Fincantieri*, companhia italiana de construção de navios, tornaram público um Memorando de Entendimento (MoU, sigla em inglês) pelo qual o país árabe encomenda da empresa italiana serviços como a “construção e gerenciamento de uma base naval, manutenção de toda a Marinha de Guerra, tecnologia para um radar digital de longo alcance e segurança cibernética, bem como a construção de navios de última geração e submarinos”.

Este MoU tem ligação com um contrato anterior, iniciado em 2016 e formalizado em agosto de 2017, por meio do qual o Catar já havia encomendado da *Fincantieri* a construção de sete navios: quatro corvetas, dois navios-patrolha e um navio de desembarque anfíbio. O prazo previsto para o início da entrega dos sete navios é até 2024.

Caso o Memorando se torne, de fato, um adendo contratual ao acordo de 2017 ou receba a forma de um novo contrato, o Catar será o quinto país árabe e o sexto país da região do Oriente Médio e Norte da África a operar submarinos. Argélia, Egito, Irã e Israel são os Estados que já possuem esses navios em suas respectivas esquadras. A Turquia e o Paquistão possuem submarinos, mas não foram contabilizados por não serem Estados, exclusivamente, médio-orientais do ponto de vista geográfico.

Desse modo, é possível afirmar que o novo acordo do Catar com a companhia italiana pode conceder a

Doha um *status* de singularidade em relação aos seus vizinhos árabes do Golfo Pérsico, já que o país seria o único deles a operar submarinos, causando assim um desequilíbrio de capacidades do poder naval regional. Como o Catar não é um país oceânico, com suas águas jurisdicionais localizadas dentro do Golfo, é possível que seus submarinos sejam de porte compacto, similares aos da classe *Ghadir*, iraniana.

No passado, Iraque, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos até demonstraram algum interesse em operar submarinos, mas diante do crescente diferencial de poder naval catari, é possível que alguns desses países se movimentem para seguir o mesmo caminho. Um Catar politicamente mais próximo do Irã e com uma esquadra versátil provavelmente não é do interesse de nenhum dos vizinhos.



Fonte: Fincantieri

RÚSSIA & Ex-URSS

Os Desafios da Marinha russa em 2020: novas armas e antigos problemas

Pérsio Glória de Paula

No dia 27 de fevereiro de 2020, autoridades russas divulgaram que a fragata *Almirante Gorshkov* realizou o primeiro teste do míssil hipersônico *3M22-Tsirkon*, atingindo um alvo terrestre a 500 quilômetros de distância. O ministro da Defesa russo, Sergei Shoigu, anunciou também que haverá mais testes em 2020 e que pretende lançar o mesmo míssil por meio de submarinos nucleares. O *Tsirkon* é a variante de lançamento naval do míssil hipersônico ar-superfície *Kinzhal* ([Boletim 108](#)) e, apesar de ser multipropósito, também é considerado um míssil anti-navio. As novas armas que vêm sendo implementadas na Marinha da Rússia – e também nas outras forças – demonstram a capacidade do complexo industrial-militar russo, que se apresenta como um polo de alta tecnologia com importância significativa na economia nacional.

Entretanto, apesar de conseguir desenvolver e implementar tais tecnologias, a Rússia também enfrenta

dificuldades em manter o cronograma esperado, frequentemente sofrendo atrasos no lançamento de novos equipamentos. Essa situação parece ser ainda mais problemática para a Marinha do país, seja na entrega de novos navios ou na modernização de antigos. Os atrasos se devem a uma série de problemas econômicos, produtivos e estruturais do país, que afetam, especialmente, o cronograma dos navios de águas azuis. Poucos estaleiros e docas-secas atualmente ativos na Rússia são capazes de receber projetos desse tipo. A estagnação econômica afetou significativamente o orçamento naval e os navios concluídos frequentemente encontram problemas nas fases de testes e retornam para ajustes. Apesar disso, a entrega de navios de pequeno porte está em dia, já que possuem menor custo e sofrem menos com os gargalos produtivos, assim como a encomenda de novos submarinos, especialmente nucleares, continua em crescimento. »

Apesar de não abdicar dos navios de águas azuis, essa situação evidencia uma escolha estratégica em face das dificuldades. Há uma priorização para a capacidade de negação do uso do mar e de dissuasão estratégica, por meio de submarinos nucleares e das novas armas

O Brasil como catalisador da paz em Donbass

No dia 24 de fevereiro, o portal DefesaNet veiculou uma notícia acerca da possibilidade de implementação de uma missão de paz da ONU na região de Donbass com a participação do Brasil, que mantém boas relações tanto com a Rússia quanto com a Ucrânia. Assim, o país poderia trabalhar em função de um cessar-fogo definitivo, além de enviar tropas para dar início ao processo de restauração da paz na região, palco da maior crise geopolítica entre Rússia e o Ocidente desde o fim da URSS.

Segundo dados do ministro das Relações Exteriores da Ucrânia, Vadym Prystaiko, o conflito, que entra em seu sexto ano, já fez mais de 14 mil vítimas, deixando cerca de 30 mil feridos e mais de dois milhões de deslocados. Durante seu discurso na 56ª edição da Conferência de Segurança de Munique (MSC, sigla em inglês), uma das mais importantes plataformas de discussão sobre os desafios para a segurança global, o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, enfatizou sua missão de pôr fim ao conflito e reintegrar a população e todo o território ocupado, correspondente a cerca de 7% do território ucraniano. No entanto, apesar de alguns

estratégicas. A projeção de poder provavelmente ficará concentrada em áreas específicas, pelo menos até a resolução de alguns dos problemas mencionados, como no Mar Mediterrâneo e no Mar Negro, devido às tensões na Líbia, na Síria e na Ucrânia.

José Gabriel Melo

indícios promissores, como a troca de 200 prisioneiros realizada em dezembro de 2019, com novas negociações em andamento, e um encontro entre Zelensky e Putin marcado para abril, há ressalvas de ambos os lados. Além do desafio de reconstrução da confiança mútua, o governo ucraniano não aceita incluir as lideranças separatistas de Donetsk e Lugansk na mesa de negociações e Moscou, por sua vez, não aceita negociar o retorno da Crimeia, objetivo primordial de Zelensky.

Nesse contexto, apesar de não ser parte do entorno estratégico brasileiro, ter a oportunidade de participar do processo de resolução de um conflito expressivo no coração da Europa pode trazer benefícios intangíveis para os militares e para a diplomacia brasileira, que almeja um assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas. No entanto, surgem alguns questionamentos acerca da capacidade logística para tal, tendo em vista outros focos de tensão imediatos, como a possibilidade de missão no Golfo da Guiné ou na República Democrática do Congo, além dos desafios logísticos do envio de recursos para uma região tão distante.

LESTE ASIÁTICO

Coronavírus: para além dos impactos econômicos na China

Há cerca de dois meses foi descoberto um novo tipo de vírus numa cidade chinesa estratégica: Wuhan. A cidade é a sétima mais populosa da China (11 milhões de pessoas) e um importante centro político, logístico, econômico e cultural da China central. A grande disseminação do novo vírus foi facilitada pela relevância da cidade, nacional e internacionalmente.

A maioria dos veículos de comunicação estão focados nos impactos econômicos da doença, já que importantes setores da economia chinesa, como serviços (principalmente turismo), manufatureiro e comércio, estão sendo severamente prejudicados pelas medidas de isolamento e quarentena. A consequência desta política é a desaceleração dos fluxos comerciais e turísticos entre a China e os demais países, o que afeta negativamente a economia mundial. As sucessivas quedas das principais bolsas de valores refletem isso.

No entanto, os reflexos do coronavírus (COVID-19)

são ainda maiores para a China. A epidemia tem afetado diretamente as relações de Pequim com Xinjiang, Hong Kong e Taiwan. A primeira é uma região autônoma com maior concentração de minorias étnicas, muçulmanas, de origem turca. Os chamados “campos de reeducação” são razão de tensão entre o governo central e atores pró-direitos humanos e a comunidade islâmica. Há preocupações de que os dados não sejam precisos para a região e que o surto atinja os campos superlotados. Lideranças de Xinjiang pedem que a Organização Mundial da Saúde envie uma delegação à região para avaliar a situação. Na segunda, o coronavírus também afetou os vários meses de constantes manifestações contra a intervenção de Pequim em Hong Kong. As passeatas cessaram nesta Região de Administração Especial, mas os organizadores prometem aproveitar o período para reorganizar as manifestações. E por último, Taiwan, não sendo reconhecida pela OMS, enfrenta um problema duplo no combate à ameaça do >>

novo vírus: a ilha está sendo incluída como área de alto risco como parte da China, mas não consegue obter informações epidêmicas em primeira mão. Mortes foram registradas nos três territórios por conta da doença.

Em 28 de fevereiro de 2020, a OMS elevou o risco mundial da epidemia para "muito alto" (o mais

alto possível), sendo, portanto, razão de preocupação das autoridades internacionais. O coronavírus tem comprovado a grande relevância internacional da China e os complexos desafios domésticos do governo Xi Jinping.



SUL DA ÁSIA

Um recomeço para o território afegão

Marina Corrêa

No dia 22 de fevereiro de 2020, o documento intitulado “Relatório Anual do Afeganistão sobre Proteção de Civis em Conflitos Armados: 2019” foi disponibilizado pela Missão de Assistência das Nações Unidas no Afeganistão, o qual constata que pelo sexto ano seguido o número de civis atingidos por confrontos no território afegão ultrapassou 10.000 vítimas, sendo mais de 3 mil o número de mortos. Para mais, há o registro de um aumento de 21% de vítimas advindas de ações exclusivas do grupo Talibã.

Por mais que o número geral de vítimas tenha caído 5% em relação ao ano anterior, o confronto entre entidades antigovernamentais e as forças de segurança nacional do governo e forças militares internacionais (tropas estadunidenses e da OTAN) é pauta das negociações entre o governo Trump e os líderes do Talibã para a

ratificação do “Acordo de Paz” no país. Em setembro de 2019, as rodadas de negociações foram suspensas pelo governo norte-americano após ataques realizados pelo grupo insurgente. A justificativa para tal ação foi que sem uma pausa na violência, não haveria como remover as tropas e dar continuidade ao acordo.

Contudo, em janeiro de 2020, foi anunciado que seria retomado o processo. Na sexta-feira (21), à meia noite, o governo Trump iniciou a contagem de 7 dias de redução da violência (acordado com o Talibã). O intuito era monitorar o território com um pré-acordo oficial. Como resultado, obteve-se uma redução de 80% dos ataques insurgentes, demonstrando a viabilidade do cessar-fogo permanente. O último dia de fevereiro representou um marco para as mudanças que ocorrerão no território afegão, as quais, pelo acordo, ambas partes >>>

possuem responsabilidades fundamentais que não podem ser remediadas.

Está previsto que, no dia 10 de março, ocorra o diálogo intra-afegão (um dos pilares do acordo firmado em fevereiro) entre representantes do Talibã e a comissão do governo de Ashraf Ghani, sediado em Oslo, Noruega. O grupo insurgente informou que o encontro acontecerá somente após o governo afegão libertar 5.000 prisioneiros ligados ao Talibã e, em troca, 1.000

soldados do Afeganistão deverão ser soltos, como um ato de confiança entre as partes. Para mais, nota-se a necessidade de Ghani manter uma postura mais assertiva, seja pelo cenário interno com o diálogo intra-afegão e as trocas acordadas, seja pelo cenário internacional, uma vez que a saída das tropas norte-americanas deixa um vácuo de poder, o qual pode ser preenchido pela China ou pela Índia, dadas a posição geográfica e a atual corrida entre as potências.

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Fim da Aliança EUA-Filipinas. Hora de repensar a estratégia para o Mar do Sul da China?

Matheus Bruno Pereira

Em 11 de fevereiro de 2020, o governo filipino anunciou sua saída do *Visiting Forces Agreement* (VFA). O acordo bilateral em questão, assinado em conjunto com os EUA em 1999, permitiu a presença de tropas estadunidenses no arquipélago. Ademais, colocou em risco a parceria de mais de meio século, iniciado em 1951, quando assinado o Acordo de Defesa Mútua entre os dois países. Até então, os EUA vinham realizando anualmente exercícios conjuntos e treinamento de tropas, além de auxiliar financeiramente as Forças Armadas filipinas. Desde 2016, ano em que Rodrigo Duterte assumiu a presidência, Manila manteve um discurso pouco amistoso com Washington, ameaçando ainda naquele ano a sua retirada da aliança.

O anúncio foi recebido por Donald Trump com pouca preocupação, afirmando que o fim do acordo ajudaria os EUA a economizar uma enorme quantidade de dinheiro. Porém, seu secretário de defesa, Mark Esper, agiu de forma mais pragmática, afirmando que terão de analisar o cenário cautelosamente, observando todas as nuances estratégicas e políticas envolvidas. Isso se deve

a importância geopolítica do país para os EUA. É válido lembrar que as Filipinas se localizam na primeira das duas linhas de contenção à China, de acordo com a *Island Chain Strategy*. A importância das Filipinas aumentou em 2014, quando foi assinado um acordo que ampliava o VFA, permitindo a alocação de pessoal e equipamentos estadunidenses (incluindo munições), em bases filipinas.

Porém, em um cenário de difícil retorno, ambos os países precisarão repensar as suas estratégias e parcerias. Para Duterte, está claro desde sua ascensão a busca por maior aproximação com China e Rússia, além de efetuar o plano de maior capacidade e independência frente a defesa nacional. Já Trump, para não prejudicar a sua projeção e capacidade logística na região, poderá aproveitar a recém redemocratizada Tailândia, e a atual e mais assertiva Indonésia para o time de parceiros estratégicos. Mas no momento, o Vietnã pode ser visto como a melhor opção para preencher o vácuo a ser deixado pelas Filipinas, já que Hanói vem se aproximando de Washington nos últimos anos e está geograficamente próximo da primeira linha de ilhas.



A nova estação de pesquisa climática russa: mudanças nas políticas ambientais?

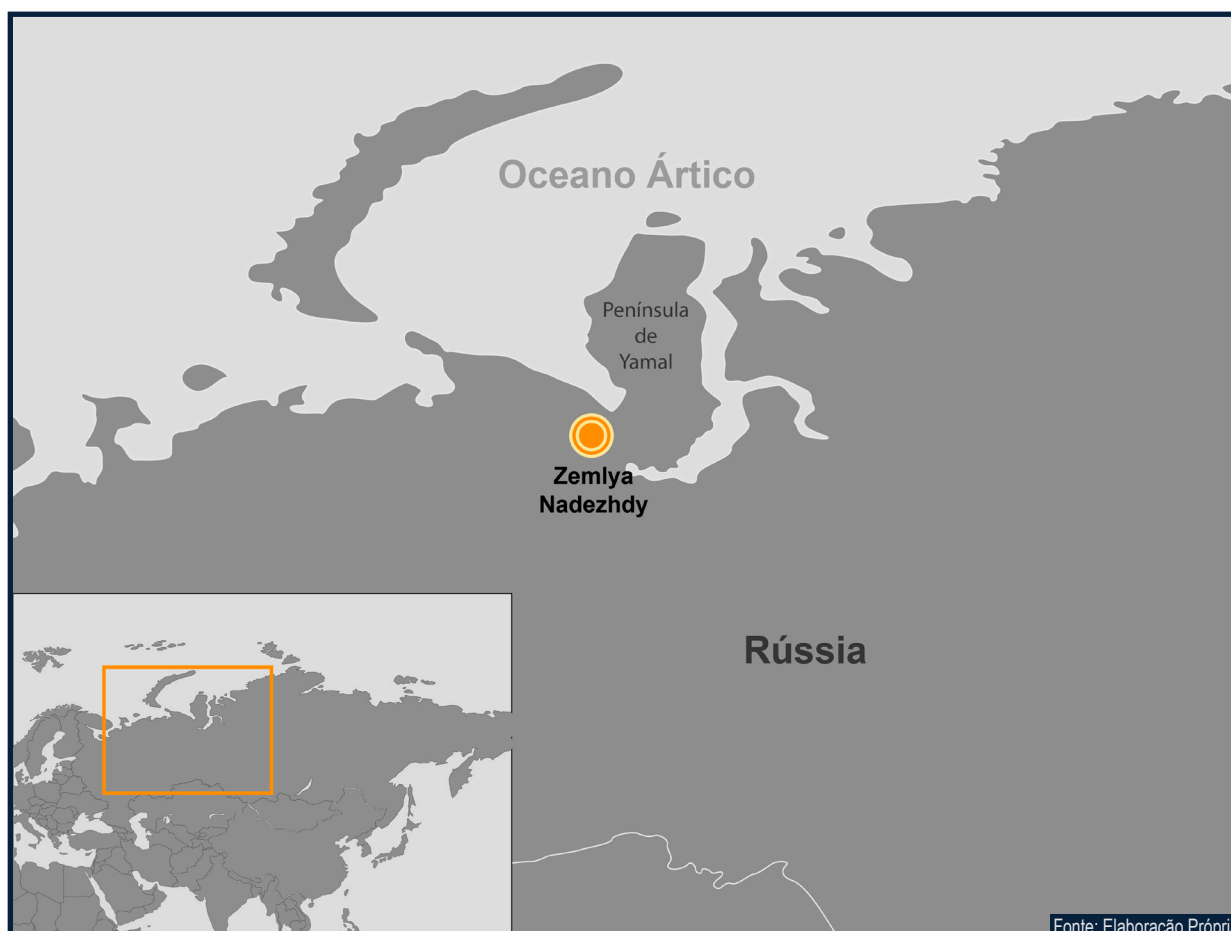
Raphaella Costa

No final do mês de janeiro, a Rússia anunciou a construção de uma estação de pesquisa climática denominada *Snowflake Station* na região conhecida por Zemlya Nadezhdy em Yamal-Nenets, na Sibéria. O novo centro de pesquisa é equipado com tecnologia de ponta e teve seu projeto desenvolvido para ser totalmente autônomo em sua operacionalização ao longo de todo o ano, priorizando a pesquisa e o desenvolvimento de fontes de energia renováveis e de hidrogênio como combustível, em detrimento do emprego do diesel.

Apenas o distrito autônomo de Yamal-Nenets produz hoje cerca de 80% do gás natural russo, além de ser uma das grandes regiões produtoras de petróleo, com a estimativa de que nos próximos três anos haja um crescimento de pelo menos 30% de sua produção industrial. O projeto possui o apoio das instâncias federais e regionais em um país que apresenta pontos questionáveis em sua política ambiental, acompanhadas por uma crescente preocupação internacional,

principalmente de países no entorno do Ártico. A estação contará com um complexo de 2.000m² formado por nove edifícios interligados em forma de cúpula, a fim de abrigar pesquisadores de todo o mundo. O objetivo russo com a nova instalação é a criação de alianças na comunidade científica internacional, tornando essa unidade técnica uma referência ao apoio de pesquisas conjuntas sobre mudanças climáticas, ecologia, sustentabilidade e poluição ambiental, considerando, principalmente, a implantação de melhorias para a conservação da região ártica.

O projeto tem o apoio de órgãos como o Conselho do Ártico, bem como o Instituto Físico-Técnico e os Ministérios da Educação e Ciência, dos Negócios Estrangeiros e do Extremo Oriente e do Ártico russos. A previsão de sua inauguração é o ano de 2022, quando a Rússia assumirá a presidência no Conselho do Ártico, atualmente com a Islândia.



- ▶ [A Pandemic of Deglobalization?](#)
PROJECT SYNDICATE, Harold James
- ▶ [The World's Refugee System Is Broken](#)
THE ATLANTIC, Matt Katz
- ▶ [Social Media as Hybrid Warfare Tool — Putting Russia's Informational Strategy in Context](#)
ROMANIAN MILITARY THINKING, Iulia Anghel
- ▶ [Russian Arctic shipping up 430 percent in three years](#)
THE BARENTS OBSERVER, Atle Staalesen
- ▶ [India-Japan Strategic Cooperation: Impacting Indo-Pacific](#)
ORF ONLINE, Debasis Bhattacharya
- ▶ [NIMASA Set to Tackle Piracy with Multi-million Dollar Vessels](#)
THIS DAY, Eromosele Abiodun
- ▶ [The U.S.-India Relationship Is Bigger Than Trump and Modi](#)
CARNEGIE, William J. Burns
- ▶ [China's naval fleet delivers loud message to US](#)
ASIA TIMES, Dave Makichuk

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

MARÇO

10 Diálogo Intra-afegão, em Oslo (Noruega)

22 75 anos da Liga Árabe

24-26 8ª Cúpula Anual sobre Vigilância Costeira e Segurança Marítima do Caribe

24-26 Cúpula de Segurança da América do Sul, na Colômbia

26 Referendo de reforma de sistema eleitoral nas Malvinas

26-27 Reunião do Conselho Europeu

ABRIL

12 Eleições na Macedônia do Norte

15-16 Cúpula do Belt and Road, em Dubai

20 Eleições no Iraque

26 Plebiscito no Chile para nova constituição

27 Início da Conferência de Revisão do TNP, em Nova York

- **De estatismo agudo a liberalismo caótico: os rumos das novas políticas econômicas do governo Maduro**
KURMANAEV, Anatoly; HERRERA, Isayen. [Venezuela's Capital Is Booming: Is This the End of the Revolution?](#). The New York Times, 01 fev. 2020. Acesso em: 25 fev. 2020.
[Peace in Venezuela: Is There Life after the Barbados Talks?](#). International Crisis Group, 11 dez. 2019. Acesso em: 24 fev. 2020.
- **Os desafios da OTCA e a questão ambiental como fator geopolítico**
[Global Risks Report 2019-2020: An Unsettled World](#). World Economic Forum. Acesso em: 08 fev. 2020.
NAÇÕES UNIDAS. [El desafío de la sostenibilidad ambiental en América Latina y el Caribe](#). CEPAL, 2015. Acesso em: 06 fev. 2020.
- **A proposta de orçamento federal do governo Trump**
LARTER, David B. [Trump called for a 350-ship fleet, but his budget falls short of even Obama-era goals](#). Defense News, 25 fev. 2020. Acesso em: 27 fev. 2020.
[What's in President Trump's Fiscal 2021 Budget?](#). The New York Times, 10 fev. 2020. Acesso em: 27 fev. 2020.
- **A fragmentação como ameaça à hegemonia do Ocidente**
EUA. [Secretary Pompeo remarks at the Munich Security Conference](#). Departamentno de Estado, 15 fev. 2020. Acesso em: 28 fev. 2020.
OTAN. [Defence Expenditure of NATO Countries \(2013-2019\)](#). Divisão de Diplomacia Pública, 29 nov. 2019. Acesso: 26 fev. 2020.
- **A projeção estratégica dos Estados Unidos na África**
BROWNE, Ryan. [Top US general in Africa warns of growing threats as Trump administration weighs cutting troop numbers](#). CNN, 02 fev. 2020. Acesso em: 06 fev. 2020.
EUA. [2020 Posture Statement to Congress](#). United States Africa Command, 30 jan. 2020. Acesso em: 05 fev. 2020.
- **União Europeia pretende lançar nova missão marítima para monitorar o embargo de armas à Líbia**
[EU ministers agree on new Libya naval mission](#). DW, 17 fev. 2020. Acesso em: 28 fev. 2020.
UNIÃO EUROPEIA. [Foreign Affairs Council, 17 February 2020](#). Conselho Europeu, 17 fev. 2020. Acesso em: 29 fev. 2020.
- **França: as Forças Armadas de 2020 e projeções para 2030**
FRANÇA. [Rapport numéro 2305 de l'Assemblée Nationale sur le projet de loi de finances pour 2020](#). Assembleia Nacional, 10 out. 2019. Acesso em: 07 fev. 2020.
TREVIDIC, Bruno; CHAUVEAU, Julie; SEUX, Dominique. [Florence Parly: Dix milliards de plus pour les armées depuis 2017](#). Les Echos, 25 set. 2019. Acesso em: 27 fev. 2020.
- **Catar: o primeiro Estado árabe do Golfo a operar submarinos?**
[The Qatari Ministry of Defence has chosen the Italian group for its national naval acquisition programme](#). Fincatieri, 24 jan. 2020. Acesso em: 25 fev. 2020.
SUTTOM, H. I. [Qatar To Acquire Submarines In New Twist In Gulf States' Big Naval Expansion](#). Forbes, 04 fev. 2020. Acesso em: 12 fev. 2020.
- **Os desafios da Marinha russa em 2020: novas armas e antigos problemas**
[Russia's Northern Fleet continues tests of hypersonic weapons](#). Tass, 28 fev. 2020. Acesso em: 28 fev. 2020.
JONES, Bruce. [Russian Navy ocean-going warship numbers to be radically reduced](#). Jane's, 21 fev. 2020. Acesso em: 28 fev. 2020.
- **O Brasil como catalisador da paz em Donbass**
KORNIENKO, Artur. [In Munich, Zelensky calls for repair of European security, starting with Ukraine](#). Kyiv Post, 15 fev. 2020. Acesso em: 20 fev. 2020.
[Brasil pode ser convidado a enviar tropas para pacificar conflito Ucrânia-Rússia](#). Defesanet, 24 fev. 2020. Acesso em: 24 fev. 2020.
- **Coronavírus: para além dos impactos econômicos na China**
Coronavírus: para além dos impactos econômicos na China
LEE, Yen Nee. [Hong Kong plans \\$15 billion spending to support its economy amid coronavirus outbreak](#). CNBC, 25 fev. 2020. Acesso em: 28 fev. 2020.
LARSON, Nina. [Coronavirus: Uighur activist draws attention to Xinjiang plight amid China outbreak](#). Hong Kong Free Press, 22 fev. 2020. Acesso em: 29 fev. 2020.
- **Um recomeço para o território afegão**
[US, Taliban negotiate 7-day reduction in violence: Pentagon](#). Aljazeera, 14 fev. 2020. Acesso em: 19 fev. 2020.
DADOUCH, Sarah; GEORGE, Susannah; LAMOTHE, Dan. [U.S. signs peace deal with Taliban agreeing to full withdrawal of American troops from Afghanistan](#). The Washington Post, 29 fev. 2020. Acesso em: 29 fev. 2020.
- **Fim da aliança EUA-Filipinas. Hora de repensar a estratégia para o MSC?**
MEAGAN, Tobin. [End Philippines-US Military Pact Will Affect South China Sea Disputes: Analysts](#). South China Morning Post, 16 fev. 2020. Acesso em: 27 fev. 2020.
HOLMES, James. [Is the US-Philippines Alliance Dying?](#). The National Interest, 15 fev. 2020. Acesso em: 27 fev. 2020.
- **A nova estação de pesquisa climática russa: mudanças nas políticas ambientais?**
[Russia Steps into Oil-Free Future With New Arctic Research Station](#). The Moscow Times, 31 jan. 2020. Acesso em: 26 fev. 2020.
[Snowflake International Arctic Station](#). Снежинка. Acesso em: 26 jan. 2020.

O mapa intitulado “10 Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa baseiam-se na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, os

mesmos são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco, sendo eles: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados 10 principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

▶ ALTO RISCO:

• CHINA — Crise do coronavírus: [Can China's Economy Withstand the Coronavirus?](#) Project Syndicate, 29 fev. 2020. Acesso em: 02 mar. 2020.

Crises na Itália, Coreia do Sul e Irã: [Cases Soar in Italy, Iran and South Korea as Alarm Grows.](#) The New York Times, 27 fev. 2020. Acesso em: 02 mar. 2020

• VENEZUELA — Crise econômica e social: [Many Venezuelans struggle to put food on the table in crisis.](#) The Associated Press, 29 fev. 2020. Acesso em: 03 mar. 2020.

• IÊMEN — Guerra civil e crise humanitária: [In dramatic counterattack, Houthis take Yemen's Al-Jawf and eye Marib.](#) Middle East Eye, 02 mar. 2020. Acesso em: 03 mar. 2020.

• LÍBIA — Intensificação da guerra civil: [Tripoli bombardment forces evacuation of patients from hospital.](#) Al Jazeera, 28 fev. 2020. Acesso em: 03 mar. 2020.

• SÍRIA — Nova ofensiva de Bashar al-Assad: [Syria war: Alarm after 33 Turkish soldiers killed in attack in Idlib.](#) BBC, 28 fev. 2020. Acesso em: 03 mar. 2020.

▶ MÉDIO RISCO:

• ISRAEL E PALESTINA — Crise referente ao Plano de Paz: [Netanyahu: Annexation has started, PA and Jordan threats don't matter.](#) Middle East Monitor, 29 fev. 2020. Acesso em: 03 mar. 2020.

• LÍBANO — Crescente instabilidade política: [Lebanon PM: 'We can no longer protect our people'.](#) Middle East Monitor, 03 mar. 2020. Acesso em: 03 mar. 2020.

• GOLFO DA GUINÉ — Aumento da pirataria: [Pirate Attacks: World shipping groups threaten to report Nigeria to UN.](#) Hellenic Shipping News, 27 fev. 2020. Acesso em: 03 mar. 2020.

• UCRÂNIA — Impasse sobre a Crimeia e Donbass: [Zelensky promises not to trade Crimea for peace in Donbas.](#) KyivPost, 26 fev. 2020. Acesso em: 02 mar. 2020.

• MAR DO SUL DA CHINA — Intensificação das disputas marítimas: [Envoy: Door not shut for saving US-Philippines defence pact.](#) The Star, 02 mar. 2020. Acesso em: 02 mar. 2020.